Resistir*, é iniciar o âmago à prática de uma o(posição).*

INTRO, poucas palavras a partir da inconformada[3]

O *não conforme*, a *desconformidade* e o *inconformismo*, são termos paralelos num único ponto no nosso horizonte: **resistir**.

[3] A Inconformada foi uma exposição artística, promovida pela AEFAUP em 2022, enquadrada pela pratica da arte visual, performance e instalação, baseada em conteúdos materiais privados e íntimos da instituição de ensino FAUP.

O *não conforme* é algo que não cumpre um determinado requisito. É por natureza um desvio de uma linha pré-estabelecida (ou pré-acordada) entre partes que esperam de si um determinado cumprimento. Geralmente surge afeto à conformidade de uma norma, uma regra, ou um princípio elementar. Nesta relação entre partes, exige uma questão de equilíbrio, mediada por argumentos que por nenhuma razão poderão ser evitados ou escusados de uma decisão em comum. O que obriga a que todos os acordos entre as partes (e até os acordos singulares, feitos a partir de uma única parte: o eu), são primeiro *palavras de honra* e só depois, a frieza abstrata de uma lei, um regulamento ou uma ordem. Como uma dessas partes, somos recorrentemente enquadrados pela categorização tipológica que constitui o contrato social e neste caso em particular, somos por definição: *os discentes*. A minha primeira *não conformidade* parte daqui, da necessidade quase obrigação, em hierarquizar uma relação, seja no plano ou pelo eixo. Esta desnecessidade provoca-me repúdio pela perceção da discriminação implícita aplicada aprioristicamente, à minha posição enquanto a outra parte, como alguém do outro lado da trincheira. Eu sou (antes que me seja preciso acusar), a personificação da responsabilidade do meu contrato social enquanto discente, sou uma parte. Sou e sei o que isso significa: ser uma fração, ativa e interessada, participante, envolvida num acordo que até pode ser conforme, quando se encontra em equilíbro nas suas premissas e entre todas as partes. Até lá, não me conformo.

A *desconformidade*, é apenas uma lacuna, uma falha ou falta, de conformidade. Acima de tudo é uma discordância entre as partes de um contrato cultural, que pretendem entre si a noção de conformidade, como o ponto de partida para uma relação proporcional. Ser uma relação por definição proporcional, implica que as atividades e as ações entre as partes se equilibram, convergem e produzem um resultado preferencialmente superior a zero, e nunca no intervalo dos valores negativos. Esta produção harmoniosa de resultados entre as partes, a

que podemos intitular de *prosperidade*, é contruída como um bem comum. E é este valor, a propriedade coletiva, autoral e participativa, que deve ser aplicada a partir da noção do seu integrante, e não no proveito de um mero interesse individual. O valor do bem comum como uma exigência mínima, relaciona-se com a participação das suas partes e expele os abjetos, ausentes e anónimos. Em resumo, a desconformidade é uma ferramenta analítica, que permite a identificação de uma assimetria, como algo que pende, é tendencial e não detém a totalidade do seu próprio teor. Neste caso, assumo-a como uma falta pedagógica na formação de uma comunidade (um coletivo docente e discente) e como tal, uma falta de todos os seus indivíduos. Até lá, procuro educar-me.

O *inconformismo* é em si um termo exigente e ambicioso, é um *ismo*. É um nome, uma atitude, um comportamento e é obviamente, o contrário de conformismo. O inconformismo é o nome mais substantivo da representação da atitude contrária, da oposição às normas dominantes num determinado contexto social que uma certa comunidade pratica e que se pode observar como o seu comportamento, num tempo e espaço definitivo, temporário ou transitório. Partir de uma certa condição etnográfica na sua base implica aceitar que a perceção externa deixada aos leigos, seja a da repulsa ética a valores e a certos princípios de um espaço-tempo geográfico. Talvez por falta de aceitação que estes externos são leigos, confunde-se uma certa noção de resistência (não necessariamente de oposição, apesar do termo implicar o contrário de conformismo) e podemos ser confundido com o anticonformismo. O mecanismo é complexo e precisa de um acompanhamento disciplinar assente num compromisso com o termo que, diria estar ao alcance de muito poucos. Para muitos, o inconformismo é só um estado. Para mim, basta.

Em 2022, tive a honra de observar e participar numa construção coletiva, elegantemente erigida a partir de cada um dos seus indivíduos. Simples e descomplexada, esta construção intencional foi feita em torno da noção política de um termo que extravasa o seu próprio significado. Esta assembleia de construção foi radicalizada na sua génese, ao decidir-se por uma variação do seu termo de origem masculina, na sua conjugação pela outra pessoa do singular e assim optou pelo seu potencial binário. O *inconformado*, publicação, teve como parelha a *inconformada*, a exposição. Sem chauvinismo nem feminismo, tanto que até Adorno sorri, conformado. Um silogismo num equilíbrio inusitado a partir do jogo das palavras potenciou as relações de conformidade entre conteúdos, participantes e recetores. Até hoje, penso que ainda não processo a sua real importância e impacto (no meu eu e) nas outras partes. Ainda hoje, penso como em certos momentos tudo se alinhou como um ponto notável nas vidas que claramente afetou. Uma música que significa mais do que a sua mera audição. Uma experiência corpórea e incorpórea, coletiva, como uma sinfonia que arrepia.

Uma tomada dupla, o *inconformado* e a *inconformada* agiram como um conjunto indissociável de conetores com a comunidade em torno desta noção de (sim ou não ou in ou des) conforme. Uma chama, uma chamada à participação. Uma nova forma de reivindicar, pelo sublime do ato escutado no silêncio da sua própria força. Uma comunidade, em sincronia com as suas inquietações, potenciais e sem paralelo, num estado de resistência pela perfeita noção da sua condição social, cultural e etnográfica. Quase um mecanismo de luto, que permite a cada um de nós avançar para uma sua versão, melhor do que anterior. Sem desejo de querer ser outro, que não eu próprio, um ser próprio.

Nunca menosprezem por isso o poder da vontade comum. Imaginemos a força de uma parte que tem a noção de todas as suas partes, que decide um discurso direto com a surdez de

outras partes. Imaginemos que tudo estará “bem” em breve. O quão ótimo será o contrário da crise que se apelida como estado natural da nossa disciplina. O que será (tão “bem”), quando o único ponto em comum entre todas as partes for o quão *melhor* podemos fazer e não, o que está mal, irreparável. Imaginemos que a INCONFORMADA em 2023 é a continuação do que ficou por dizer, numa nova ocasião de comunhão e partilha. Um observatório enquanto o espectro de prosperidade, que aceita os seus próprios fantasmas como partes de um laboratório vivo, na rampa que rodeia o auditório do seu maior representante.

Até lá, sonho com essa ocasião, uma assembleia inclinada por forma a equilibrar uma certa noção em desequilíbrio, **resistir**.